

LOURO-PARDO



Paulo Ernani Ramalho Carvalho *

Boraginaceae é uma família de plantas de regiões tropicais, sub-tropicais e temperadas. Compreende mais de duas mil espécies, distribuídas em cerca de 100 gêneros, que abrangem, principalmente, plantas arbóreas, arbustivas e herbáceas.

Cordia é um dos gêneros mais importantes das boragináceas, com cerca de 250 espécies. Seu nome, ao contrário do que se poderia supor, não é alusivo a coração e, sim, a homenagem a um dos primeiros botânicos alemães do século XVI, Valerius Cordus.

Entre as espécies de *Cordia* existentes na América Central e do Sul, e que são produtoras de madeira de alta qualidade, destacam-se: *C. alliodora* (R & P.) Oken (laurel), presente nos bosques tropicais da América Central e Amazônia sul-americana, com plantios comerciais na Colômbia, Suriname e Vanuatu (antiga Novas Hébridas); *C. goeldiana* Huber (freijó), que ocorre na Região Amazônica brasileira e produz madeira de larga utilização, com demanda crescente no mercado interno e externo; e *C. trichotoma* (Vellozo) Arrabida ex Steud, com ocorrência nas áreas tropicais e subtropicais ao Brasil, Argentina e Paraguai.

O louro-pardo é uma árvore de folhas caducas, que pode alcançar até 35 m de altura, com tronco reto e cilíndrico, dando fustes de 10 a 20 m de altura. Suas flores são pequenas, brancas, perfumadas, com floração vistosa, observada de janeiro a julho. No Nordeste do Brasil, onde é conhecido por frei-jorge, a espécie é encontrada com regular freqüência nas serras interioranas do Ceará (Serra do Araripe), Paraíba e Pernambuco (Serra de Garanhuns e Serra Negra). Sua maior área de dispersão estende-se da Floresta Tropical Pluvial Atlântica, do Sul da Bahia e norte do Espírito Santo, até a Floresta Subtropical Pluvial das bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. O limite norte de sua distribuição, no Brasil, está na Serra do Araripe, no sul do Ceará, a, aproximadamente, 7° S, e o limite sul, em Encruzilhada do Sul, no Rio Grande do Sul, a 30°32'S (Figura 1). A espécie ocorre, ainda, na parte leste do Paraguai e no norte da Argentina, nas províncias de Misiones e Corrientes.

Nas Regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, o louro-pardo é uma das espécies nativas mais promissoras para plantio. Ele apresenta uma combinação de aspectos favoráveis, como rápido crescimento, boa forma, madeira de excelente qualidade, apreciada nos mercados interno e externo, frutificação abundante, regeneração natural vigorosa e facilidade de produção de mudas.

* Eng.-Florestal, M.Sc., CREA n° 3460-D/PR, Pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Florestas.

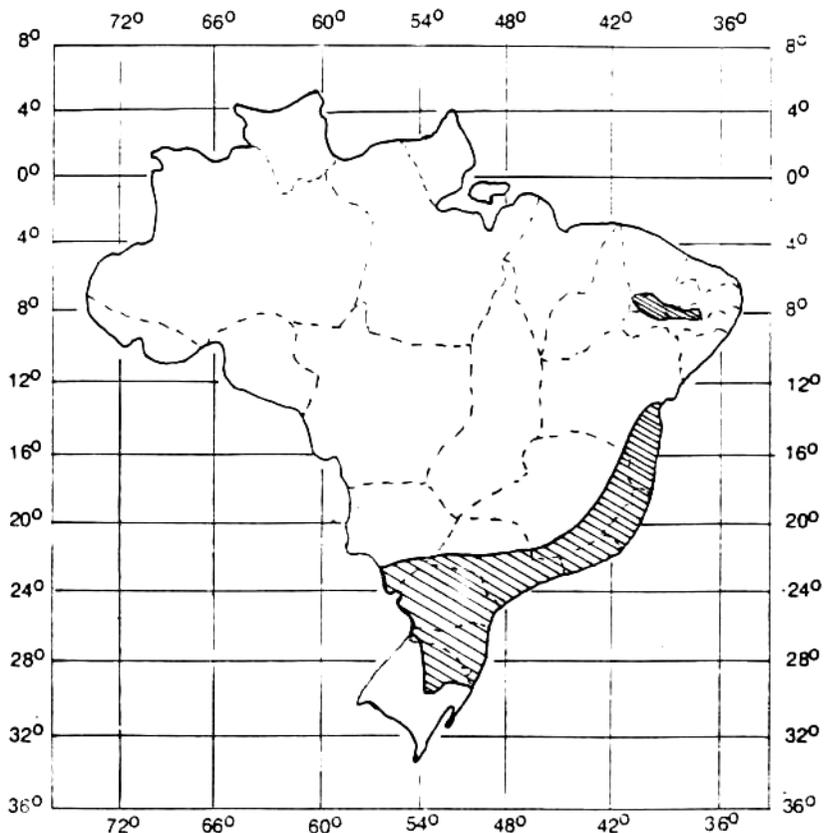


FIG. 1. Área de distribuição natural de louro-pardo, no Brasil.

O louro-pardo produz madeira de densidade entre 0,60 a 0,80 g/cm³, apreciada para movelaria de luxo, serrados em geral, laminados e revestimentos. Ela apresenta boa resistência à flexão e excelentes atributos estéticos e decorativos, com boa estabilidade para usos interiores.

Na Argentina, na região de Misiones, foram efetuados alguns plantios de louro-pardo, conhecido localmente como "peteribi". A espécie revelou um desempenho promissor para enriquecimento de bosques nativos. No oeste de Santa Catarina, e oeste e sudeste do Paraná, o louro-pardo vem, também, sendo cultivado em pequena escala por agricultores.

O louro-pardo tem sido plantado, experimentalmente, em vários locais, no sul do Brasil, pelo Centro Nacional de Pesquisa de Florestas (CNPQ) e tem apresentado boa forma e crescimento rápido. Seu incremento médio anual pode chegar até a 23 m³/ha.ano, como verificado aos doze anos, em Misiones, Argentina. A espécie tem-se mostrado exigente quanto a solos, exigindo que os plantios sejam realizados em solos de média a alta fertilidade.

O louro-pardo apresenta ramificação em verticilos, com inserção dos galhos em ângulo de 45°. A presença de ramos grossos é o principal problema de forma, devendo-se, conseqüentemente, efetuar a desrama.

O louro-pardo rebrota vigorosamente da touça e, eventualmente, de raízes superficiais. Quando jovem, suporta meia sombra, podendo ser plantado sob cobertura, onde encontra proteção contra o frio. Neste sistema, deve-se abrir o dossel da capoeira de forma gradual, à medida que as árvores crescem.

Mesmo ocorrendo naturalmente em várias regiões climáticas do sul do Brasil, o louro-pardo cresce melhor nas áreas sem geadas rigorosas. Nos primeiros anos, ele é sensível ao frio e sofre com geadas tardias, já que é caducifólio. Assim, a recomendação desta espécie é restrita a plantios em locais com temperatura média anual maior que 18°C, com cuidados em relação às geadas.

Em plantios, o louro-pardo tem-se mostrado desuniforme tanto em altura como em diâmetro. A variação entre plantas é acentuada, como ocorre, também, com inúmeras espécies florestais nativas. Portanto, recomendam-se espaçamentos iniciais reduzidos e um raleio, dois ou três anos após o plantio. Nas áreas de encosta, o louro-pardo deve ser plantado na face norte, onde há maior luminosidade.

Os plantios de louro-pardo estão apresentando alta incidência de insetos da família Tingidae (ordem Hemiptera). Estes insetos sugam, principalmente, as folhas das árvores, causando, inicialmente, manchas amareladas; posteriormente, estas folhas, se atacadas continuamente, descoram e caem. Os ataques constantes, em função de o inseto possuir várias gerações anuais, enfraquecem a árvore, já que a reposição de folhas provoca uma diminuição no ritmo de crescimento, e podem, até, causar a morte das árvores. Foi observado um intenso ataque desse inseto, em Cascavel e Palotina, no Paraná, de 1981 a 1983, em povoamentos com um a três anos de idade. Observou-se, mais recentemente, uma queda gradativa dos níveis populacionais da praga. No intuito de minimizar os efeitos do ataque deste inseto, recomendam-se plantios com menor densidade de plantas ou plantios mistos.

O estudo silvicultural do louro-pardo está ainda em desenvolvimento. Pontos importantes a solucionar são os aspectos da heterogeneidade de crescimento dos indivíduos plantados, identificação de procedências mais produtivas e o controle de tingídeos, que retardam o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, M.A.B. Notas botânicas no Ceará, especialmente na Serra do Araripe. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 19., Fortaleza, 1968. **Anais**. 1969. v.2. p.285-93.
- CARVALHO, P.E.R. Potencialidade e restrições da regeneração artificial de espécies madeireiras nativas no Paraná. In: CONGRESSO FLORESTAL DO PARANÁ, 2., Curitiba, 1988. **Anais dos resumos**. Curitiba, Instituto Florestal do Paraná, 1988. p.23.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro Nacional de Pesquisa de Florestas, Curitiba, PR. **Zoneamento ecológico para plantios florestais no Estado do Paraná**. Brasília, EMBRAPA-DDT, 1986. 89p. (EMBRAPA-CNPQ. Documentos, 17).
- FERNÁNDEZ RODRIGUÉ, M. Multiplicación espontánea del "peteribi" (*Cordia trichotoma*) previa eliminación del bosque original, en la provincia argentina de Misiones. **Revista Forestal**, 7(4):111, 114, 1963.

PETERIBI (*Cordia trichotoma*) In: LIBRO del árbol; essencias forestales indígenas de la Argentina de aplicación industrial, 2.ed. Buenos Aires, Celulosa Argentina, 1975. v.2 n.p.

REITZ, R., KLEIN, R.M. & REIS, A. Projeto madeira de Rio Grande do Sul. **Sellowia**. (34/35):1-525, 1983. p.260-6.